

ENUNCIÇÃO MEDIÁTICA E SUAS “ZONAS DE PREGNÂNCIAS”

ANTÔNIO FAUSTO NETO

“O debate presidencial será feito em uma arena. Os candidatos (...) poderão circular à vontade (...) Um pequeno monitor vai selecionar perguntas. A tecnologia vai também dar uma forcinha à democracia.”
(*Jornal Nacional*, Rede Globo, 26/10/2006)

“Renato, nós estamos de olho no solo e no céu.”
(*Bom Dia Brasil*, 18/07/2007)

“Este é o seu novo Diário.”
(*Diário de Santa Maria*, 19/06/2007)

1. INTRODUÇÃO

Os registros acima são fragmentos de três enunciações jornalísticas que ilustram alguns aspectos das transformações que se processam na estrutura deste tipo de enunciação. Caracterizam-se, dentre outras, por operações de auto-referencialidade, através das quais o campo mediático chama atenção para seu lugar de fala, descrevendo aspectos do processo da ‘realidade da construção’, ao invés do seu clássico discurso referencial, no caso, a ‘construção da realidade’. A ênfase do ato enunciativo desloca-se dos enunciados em que se apresenta a realidade para a ‘enunciação da enunciação’, ou seja, a enunciação enuncia o seu processo de produção.

As transformações do trabalho da enunciação em consequência da intensificação do fenômeno da midiatização constituem o foco destas reflexões. Resultam da inscrição de tecnologias e dos seus efeitos na vida social, convertidos na forma de meios, processo que afeta a própria natureza do corpo dos media e, ao mesmo tempo, suas relações com outros campos sociais e com os receptores. O surgimento desta nova ambiência não só complexifica o lugar mediático, mas reformula seus padrões de autonomia, instaurando novos processos enunciativos por meio dos quais se estabele-

cem as formas de vínculos entre os media e os demais campos sociais. Redimensiona-se o aspecto essencial da enunciação mediática –seu aspecto referencial.

Não se trata mais de enfatizar, pelo processo referencial, uma realidade construída e a ser ofertada, segundo postulados de operações enunciativas voltadas para a designação e/ou nomeação de um mundo, classificado sob o nome de atualidade. Em seu lugar, a ênfase se aplica à descrição do próprio processo de operações de ‘fabricação’ das realidades e, assim, a enunciação perde a sua característica referencial. Evidencia-se um novo modo de dizer segundo um ato em que a enunciação se converte no próprio acontecimento.

2. MEDIADOR OU OPERADOR AUTÔNOMO?

O trabalho da midiatização se faz através de fluxos de interações de natureza técnico-discursiva que afetam, de modo concomitante, diferentes campos sociais, suas práticas, disciplinas, especialistas e usuários, enquanto atores sociais. Sua centralidade é a existência de cultura, de lógicas e de operações enunciativas que se inscrevem na sociedade, permeando e constituindo as suas formas de organização e de funcionamento, definindo ainda, condições de acesso e de seu consumo, por parte dos indivíduos.

Este processo tem o seu limiar na ‘sociedade midiática’ e enfatiza-se na ‘sociedade midiatizada’. O que distinguiria a primeira da segunda? De modo sucinto, na primeira, os media em sua centralidade desenvolvem ‘funções de contato’ entre os demais campos, espécie de um subsistema social. Nesta concepção, se constituíram em um campo com uma forte ‘zona de trânsito’ com os demais campos sociais, mediante aquilo que Rodrigues chama ‘tarefa de superintender as relações dos demais campos sociais’ (Rodrigues 1999). Este ‘lugar mediador’, além do ponto de contato, realiza a tematização pública via processos de agendamento, de caráter linear, segundo o ponto de vista da agenda setting (McCombs 1972). Essas estratégias são criticadas mais contemporaneamente pela idéia de que a construção da enunciação pública se faz pela existência de múltiplas agendas, cujas relações, de natureza complexa, se constituem em ‘relações de forças’ (Charron 1998). Os campos estão em interação, não são espaços conformados apenas por suas fronteiras, enquanto territórios estáticos:

Não devemos entender aqui o campo num sentido espacial, mas energético, à maneira da física, que fala do campo de forças para designar a tensão gerada pelo confronto de pólos de sentido oposto. É portanto num sentido tensional que utilizo a expressão campo social.(...) É na fronteira entre campos de legitimidade que esta tensão se gera e se manifesta (Rodrigues 1999: 16).

Tal dinâmica os converte em ‘pontos de acessos’, ou seja, ‘pontos de conexão’ entre os indivíduos ou coletividades leigas e os representantes dos sistemas abstratos. São

lugares de vulnerabilidade para os sistemas abstratos, mas também junções nas quais a confiança pode ser mantida ou reforçada’ (Giddens 1991: 91). A transformação da ‘sociedade dos meios’ na ‘sociedade midiaticizada’ é uma aceleração do processo da interrupção do ‘contato direto’ (Luhmann 2005: 17). entre os indivíduos, pela presença dos media, que se intensifica não apenas no âmbito do seu próprio território, mas também por seu deslocamento e sua expansão para outros campos. Daí resulta a emergência de um novo ambiente que estrutura novas formas de vínculos. A natureza dos media transforma-se, pois não são mais apenas agentes de sentidos nem “espaços de interação entre produtores e receptores, mas marca, modelo, matriz, racionalidade produtora e organizadora de sentido” (Mata 2002: 84).

Convertido em sistema, organiza sua realidade por auto-operações. Institui os processos de interação que vai estabelecer com o que é externo, definindo ainda “zonas de pregnâncias” entre as suas fronteiras (internas) e aquilo que configura o espaço que lhe é exterior. É a este processo que estamos chamando de midiaticização. Ou seja, a midiaticização opera através de diversos mecanismos, segundo setores da prática social, e produz em cada um deles diferentes conseqüências (Verón 1998: 124).

3. ZONAS DE TRANSFORMAÇÃO, ZONA DE PREGNÂNCIAS?

A categoria de campo requer a problematização dos seus limites para pensar a evolução dos processos de midiaticização, não apenas mais como uma ‘categoria analítica’, mas como manifestações específicas. Nascido no ambiente de determinadas orientações sociológicas, este conceito tem sido trabalhado mais no nível teórico do que enquanto uma problematização empírico-analítica sobre a evolução dos processos midiáticos. Só mais recentemente é que algumas reflexões pioneiras sistematizam hipóteses que orientam alguns debates sobre esta noção e que tem como cenário a transição da ‘sociedade midiática’ para a ‘sociedade midiaticizada’. Dentre suas principais hipóteses, destaca-se a problemática da autonomia do campo dos media examinada pela perspectiva representacional. Isto é, a atividade central da mídia era entendida pela sua competência discursiva, e que estaria a serviço da organização interacional dos demais campos, além da tematização de suas atividades, algo que convertia os media num lugar intermediário. Ao lado destas, o reconhecimento do campo como um lugar dinâmico caracterizado menos por uma topografia e mais por suas ‘relações de tensão’. Ou seja, um espaço “energético, à maneira da física que fala de campo de forças para designar a tensão gerada pelo confronto entre pólos de sentido oposto.” (Rodrigues 1999: 18).

A dinamização da atividade mediática, através da evolução dos processos de tecnologias em meios, sua inserção na sociedade, seu papel na mudança das formas de vida das instituições e dos atores, prioriza as manifestações dos processos que transformam o ambiente social. Convertidos em novos atores e objetos, o ambiente

e suas manifestações pedem a existência de novos modelos analíticos e de quadros conceituais que enfatizem a existência de uma nova ordem espacial, que se move segundo uma processualidade ternária, reunindo dimensões técnicas, discursivas e culturais.

Assim, perdem força noções mais clássicas, que emprestavam aos media conceitos, como o de ‘funções’ –dando lugar às noções de campo, fronteiras, ambientes, sistemas, espaço, acoplamentos, afetações, etc. Estas surgem associadas a uma certa topografia, enquanto a “arte de representar no papel a configuração duma porção do terreno com todos os acidentes e objetos que se achem à sua superfície”¹. Já não se trata da ação dos meios enquanto instrumentos, mas da ocorrência de processos de disseminação de lógicas e de operações, permeando a sua vida, o seu modo de funcionamento e o de outros campos sociais.

O tema da mediação aparece associado à noção de processos. Categorias como fronteira (Culioli 1990); campo (Rodrigues 1998); ambiente-sistema (Luhmann 2006); espaços potenciais (Bellin 2002); pontos de acesso (Giddens 1991); afetações (Verón 1997); acoplamentos (Luhmann 2006) nos parece que são marcos explicativos para o estudo da mediação e que não podem aqui ser detalhados, face à exigüidade de espaço.

Noções como as de campos, fronteiras e ambiente sugerem a possibilidade de tensionar a natureza do espaço em que se organiza a mediação. Aqueles de sistema, espaços-potenciais e de pontos-de-acesso suporiam poder estudar as suas mecânicas, enquanto processualidades das estratégias e do trabalho da mediação. Já os conceitos de acoplamentos e de afetações, avizinhandos-se àqueles de fluxos e processos de agenciamentos, são pistas em torno dos quais se poderia pensar a dimensão dos efeitos (discursos) da enunciação. A mediação parece, assim, ser uma questão exposta aos mais diferentes olhares.

Fazemos, aqui, aproximações com os de ‘fronteiras’ e de ‘zonas de pregnancies’, pois interessa-nos examinar as repercussões da mediação sobre a natureza do trabalho da enunciação mediática e as afetações das suas dinâmicas junto às diferentes práticas sociais e de sentido. Ou seja, as transformações do próprio campo e das processualidades que neste lugar tomam forma, repercutem e reformulam a enunciação, instaurando novas fronteiras e relações dos seus processos enunciativos, com os do mundo externo.

As noções de fronteiras e de enunciação são entendidas como dois espaços delimitados, que reúnem o que está dentro e o que está fora, e cuja dinâmica trata de colocar em relação estas duas dimensões, por uma determinada atividade constituinte. Vem de um eminente lingüista uma sugestiva definição de fronteira, a partir de onde fazemos estas associações com o conceito de enunciação: “Fronteira é um espaço que reúne seu interior, seu exterior, um externo, mas também uma zona de alteração, de transformação, uma zona de pregnancy(...)” (Culioli 1990: 90).

Vem de outro lingüista, Émile Benveniste, comentário que condensa na noção de enunciação referências sobre tais zonas, como processo, contextos, estratégias, etc. Diz ele: “Na enunciação nós consideramos sucessivamente o próprio ato, as situações onde ele se realiza e os instrumentos da sua efetivação.” (Benveniste 1974: 81). O trabalho da enunciação está subordinado a um feixe de situações, e não apenas a um movimento isolado do seu autor, o que sugere pensar que a enunciação se constitua num trabalho relacional.

A natureza do trabalho enunciativo dos media no contexto da ‘sociedade midiática’, se voltava para uma ação de cunho referencial. Entretanto, não obstante o reconhecimento de sua competência para falar exotericamente sobre os demais campos deveria suprimir as marcas do seu trabalho. A enunciação deveria se manter fiel ao efeito de sentido que seu ato se propunha: preservar fora-de-cena as marcas de autoria do trabalho. As fronteiras deste ‘modo de dizer’ tratavam de proteger as marcas dos atos discursivos dos seus enunciadores, de modo tal que estes não pudessem afetar (comprometer) as ‘zonas de pregnâncias’ que poderiam vincular seus mundos interno e externo. A construção da fronteira enunciativa dos media se fazia em meio a um paradoxo: não obstante a autonomia que gozavam, para proferir discursos, as marcas de sua autoria não poderiam ser apresentadas. Operações deveriam velar a sua existência explícita, mas também a tensionalidade destas ‘zonas de pregnâncias’ em que se processam as transformações dos atos dos seus autores, ou seja, da perspectiva da enunciação, a produção de sentidos.

Num texto apresentado na forma de primeiros ‘esquemas de estudos’, Eliseo Verón oferece, na forma de um diagrama acompanhado de comentários, algumas noções sobre o funcionamento da midiática. Curiosamente, não tem se dado a devida atenção a análise deste diagrama, pois ilustra o que seria a descrição do marco conceitual sobre a midiática, envolvendo as instituições (círculo 1); os media (círculo 2) e os atores sociais (círculo 3) e, basicamente, quatro tipos de relações existentes entre eles: a) relações entre as instituições e os media; b) entre os media e os atores sociais; c) entre as instituições e os atores sociais; e d) os media afetando as relações entre as instituições e os atores sociais.

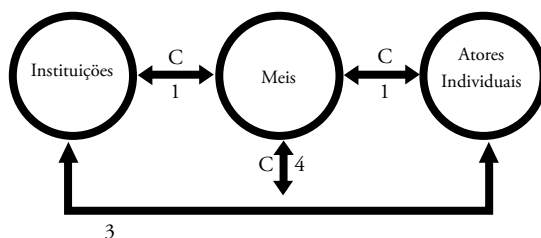


Figura 1: Esquema para a análise de midiática.

Nele, o autor chama atenção para o fato de, entre os vários níveis, “não haver processos lineares entre uma causa e efeito, nos encontramos frente a circuitos de *feedba-*

ck. As flechas em dupla direção tentam sugerir esta complexidade” (Verón 1997: 15). Trata-se de quatro zonas que se afetam através de fluxos em sentido duplo, e todas estão em contato, através do trabalho de afetação desenvolvido pela centralidade do lugar dos media. Tal modelo, não pode ser projetado de maneira genérica e/ou reducionista para explicar os fenômenos da midiaticização das práticas sociais, uma vez que seus processos se dão de modo específico, nas relações entre as três instâncias, e também, de modo peculiar, no interior de cada campo. Complexos já nas suas fronteiras, os níveis de contato entre esses círculos tornam-se mais ainda mais no seu próprio interior.

Se desdobrarmos estes três níveis – dimensões analíticas, veremos os desdobramentos de novas flechas. As modalidades através das quais as instituições se afetam uma a outras se transformaram como resultado da mediatização; os vínculos dos atores individuais entre si se modificam também por obra dos meios e, enfim, se afetam uns aos outros através de processos extremamente complexos (os modos pelos quais a imprensa escrita e a tv se afetam reciprocamente são, deste ponto de vista, particularmente interessante) (Verón 1997: 15).

Complexifica-se o trabalho enunciativo. Lá, na ‘sociedade midiática’ os meios estão a serviço desta tarefa representacional, mas dissimulando as marcas enunciativas de sua autonomia. Aqui, no âmbito desta nova fase, e conforme vê-se no esquema acima, há uma transformação no próprio ambiente e no qual os meios além de ocupar um lugar de centralidade, conectam-se, segundo operações tecno-discursivas, com as demais instituições e com os atores, afetando as práticas sociais ali desenvolvidas, permeando suas tramas e estratégias. Exercitemos, a possibilidade de fazer um outro tipo de articulação entre as noções de enunciação e aquela de fronteira, no contexto da mediatização, fazendo-as dialogar com o próprio diagrama, especialmente sua ênfase para as não-linearidades.

Culioli fala de ‘zonas de pregnâncias’ que envolvem o lado externo e interno da fronteira. Verón chama atenção para as ‘afetações’. Um dos seus efeitos, na medida em que seus fluxos se realizam em dupla direção, é o fato de produzirem transformações nos limites específicos de cada círculo, decorrentes da ingerência de investimentos do trabalho enunciativo midiático sobre suas relações. Dizendo por outras palavras: vimos que em todos níveis de interações, está presente um tipo de contato estabelecido pela esfera dos media com as demais instituições e com os atores sociais. E afetando também as interações entre instituições e atores sociais. Ou seja, o campo dos media se converte de um lugar em uma nova ordem disposicional, ao gerar com fluxos das suas operações e de sua enunciação, uma ambiência que não dissolve as ‘zonas de pregnâncias’, mas produz reformulações em seus modos de existência, na medida em que as atravessa com suas regras enunciativas (Fausto Neto 2001, 2006; Fausto Neto e Verón 2003).

Diferente do modelo que caracterizava o trabalho enunciação mediático na sociedade que precede a da midiatisação, os media não se apresentam como um operador de veiculação. Desta feita, são um lugar de agenciamento, mantendo as definições de sua própria fronteira, mas agindo no sentido de que suas lógicas e operações, e ao se instalar nos demais campos, podem gerar, como consequência, uma nova ambiência. Grosso modo, cada instância contém seus limites apenas formais. Entretanto, as especificidades do que é externo e interno se tornam heterogêneas. Isto é um lugar que transforma e que é transformada pela natureza das interações, especialmente os novos modos de existência e de funcionamento enunciativo destas operações.

Este processo complexifica-se, na medida em o campo dos media desempenha um lugar de centralidade, afetando todos os âmagos de contatos e sendo por eles afetados. Estabelece-se um tipo de relação experimentada por instituições, distintas umas das outras, impulsionadas em suas dinâmicas e tramas por protocolos advindos desta modalidade de tecno-cultura. Assim, não se trata de uma intervenção formal e nem determinística dos media sobre as fronteiras dos demais campos, mas a presença de suas formas, dispositivos, técnicas e de linguagens, na vida simbólica e de produção de sentidos dos demais campos. Delas não resultam efeitos pré-concebidos que emanariam de um processo de causalidade, previstas pelo paradigma transmissional. Em que consistiria o processo de afetação das práticas de sentido, por parte da midiatisação?

Trata-se, agora, do desenvolvimento de novos processos de produção e de recepção de mensagens, segundo a existência de uma nova plataforma circulatória de tecnologias, que cria uma nova ambiência, reconfigurando os laços sociais através de protocolos e de novos fluxos de conexão de natureza tecno-discursiva. As instituições estão neste novo ambiente, fazem parte da sua existência, do seu funcionamento e com as suas partes interagem, sendo também por elas afetadas. Fundam-se nessas interações, novos processos de construção e de reconhecimento de sentidos. Trata-se de uma ordem que transcende as configurações específicas de cada campo (jurídico, religioso, educativo) mas que as permeia, segundo estas dinâmicas.

4. TRANSFORMAÇÕES DA AUTONOMIA

A midiatisação complexifica as modificações nos processos que orientam as operações dos media, enquanto estratégias enunciativas. A chamada convergência tecnológica instaura uma nova plataforma de circulação, assentada em diversidades de técnicas e de dispositivos, alterando as configurações e relações dos campos de produção e de recepção. Particularmente, a disponibilidade de novos protocolos técnicos para consumo de discursos, fragmenta a estrutura da recepção, transformando-a em nichos, que reúne a possibilidade de decidir sobre o consumo de novas ofertas midiáticas. Reestrutura-se a qualidade das afetações entre ambiência midiática, instituições

e atores sociais, o que leva os media a reformularem suas estratégias de vínculos com essas instâncias.

Os ‘contratos de leituras’, operações com que os media arquitetam formas de interação com seus usuários remodelam-se continuamente (Fausto Neto 2007a). Suas regras não são esquemas tácitos, mas anunciadas publicamente para que os usuários dos media possam saber como eles operam tais interações. Seus fundamentos são anunciados como matérias jornalísticas, que funcionam como ‘guias de leituras’ para que o leitor possa, daí para frente, entender como deve percorrer as regras do ‘contrato’ junto à topografia dos jornais.² O deslocamento de tecnologias da esfera produtiva para as mãos dos receptores produzem novas formas de contato entre um e outro, permitindo, de forma totalmente livre ou sob condições, a co-participação dos “que estão lá fora” (receptores) nos processos produtivos midiáticos (jornalísticos). Grandes grupos jornalísticos, como a Editora Abril, responsável pela edição de quase uma centena de títulos, dos mais diversos gêneros, lançou recentemente publicação semanal, a revista ‘Sou Mais Eu’, endereçada ao público feminino, ao preço de meio dólar e cujo contrato presente no próprio exemplar, pede que os leitores façam o envio de materiais, tornando-se seus produtores.³

Uma vez que inseridos nesta nova ambiência, com os seus processos e fluxos afetados por suas regras de produção, tende-se ver alterações e características das práticas dos campos sociais, uma vez que as regras de seu funcionamento passam a ser referidas pelas afetações do processo discursivo da mediatização. Produzir formas de reconhecimento implica, hoje, para as diferentes práticas sociais recorrer continuamente aos mecanismos de auto-referencialidade calcadas num ‘modo de dizer’ mediático.

O campo dos media além de afetar as práticas de outros campos, com suas operações de sentido, evidencia seus sistemas de operações a partir de processos ‘de chamada de atenção’ para suas próprias ações, ou seja, chama atenção para a gênese dos seus ‘processos de codificação’. A ênfase não está mais no referente, mas nas operações que vão engendrará-lo. O importante não é a realização do debate político, como serviço público a ser ofertado aos eleitores. Mas a sua promoção, cujas ‘regras de realização’ se constituem no próprio acontecimento.

Chama-se atenção para os diferentes investimentos financeiros, humanos, técnico e discursivos, que foram feitos para a produção do debate, enfatizando-se, assim, que o acontecimento é o relato das condições de sua realização. A secção ‘carta dos editores’ não tem mais como assunto os temas que a edição semanal de uma revista oferece aos leitores. Relata no lugar desses o conjunto de operações feitas e sobre as quais se estrutura a construção dos acontecimentos. Nesse processo, jornalistas viram personagens célebres, repórteres são guiados ao podium de heróis. Jornal cria secção diária, há mais de três anos, em que descreve aspectos do seu processo de produção da sua discursividade. Suas regras são enaltecidas como as únicas formas de inteligibilidade sobre o modo de compreender as coisas e/ou de teorizar o jornalismo.⁴

As convergências tecnológicas e discursivas oferecem ao campo dos media a possibilidade de dizer que ‘sabe antecipadamente’, ou gerar os acontecimentos nas fronteiras do seu ambiente enunciativo. Tais processos de autonomização ensejam a possibilidade dos media dizerem em ‘tempo real’, no ato mesmo de enunciação, como ‘fazem para dizer que sabem antes’. O processo de construção da notícia não é mais a ‘cena primária’. A construção da realidade é evidenciada pelos dispositivos enunciativos mediáticos, que assim se constituem no próprio acontecimento. Outrora, apenas marcas enunciativas cuidavam de sinalizar este trabalho de onisciência dos media junto às cenas, sem que seu processo viesse à tona. Agora, reformula-se o ato da enunciação da realidade, enquanto construção, na medida em que uma outra enunciação trata de descrever as condições de sua produção.

Outrora, acontecimento e enunciação eram apresentados de forma equivalente. Agora, uma vez instalados no ambiente pleno da midiaticização, e por efeitos de seus atos enunciativos, nada pode ficar fora deste processo de referencialização, enquanto processo de produção de sentidos. Não haveria mais limites entre o que estaria fora ou dentro da fronteira. Tudo se processa no ambiente. E, nestas condições, o acontecimento seria os relatos, enquanto discursos, dos processos e das operações mobilizadas pela realidade da construção (Fausto Neto 2007c). A enunciação conta como produz o ‘ato de enunciação’...

5. CONCLUSÕES

Diferentemente do que formulam alguns teóricos, essas mutações não produzem necessariamente efeitos previstos, porque a midiaticização não é uma superfície lisa, transparente, uma vez que ela se desenvolve numa realidade de alta complexidade.

Sabe-se que as operações de auto-referencialidade, impulsionadas por este modelo de convergência de redes, necessariamente não geram sentidos unilaterais. Dir-se-ia, como hipótese, que a exacerbação da autonomia dos media, exercida pelas operações de auto-referencialidade, seria um sintoma de uma reformulação desta ambiência e dos efeitos por ela suscitados em suas próprias fronteiras. A convergência produz homogeneização das estruturas produtoras de ofertas, mas gera diversidades no âmbito das demandas, instituindo a fragmentação dos receptores. Em consequência, redesenha as formas de vínculos entre eles, repercutindo nas transformações do processo de produção do ato enunciativo e do seu respectivo controle.

O deslocamento de técnicas e formas, advindo das afetações contribui com o enfraquecimento de protocolos sobre os quais se assentam os exercícios que remetem, hoje, à instauração dos processos de confiança. Reformulam-se os contratos que exercitam a construção das crenças e da credibilidade sobre o modo de ser das instituições e dos seus respectivos processos de produção de sentido. Nestas condições, instaura a mediaticização, uma outra ‘ordem dos discursos’.

Seus novos processos enunciativos já não contemplam a existência de um ‘lugar vazio’, sejam os receptores, enquanto atores sociais, ou enquanto ‘posições discursivas’. Tanto um como outro, situados por contratos, em ‘lugares interditos’, conforme previa uma outra ‘topografia’ do funcionamento discursivo. Tudo faz crer que estas novas modalidades de enunciação engendradas pela midiatização produz a existência de novas ‘zonas de pregnancies’, as quais, como todo ato enunciativo, além de relacional, gera suas transformações.

A realidade que aponta e oferece os processos por ela criados para construir as inteligibilidades acerca do modo de sua própria ambiência, se faz segundo ‘lógica’, ‘arquitetura’ e ‘contratos’ auto-referenciais e que estimam produzir efeitos possíveis. Ao expor os diagramas conceituais sobre a midiatização, destacávamos o caráter não linear de suas afetações e dos seus processos de interação. Não obstante o intenso recurso às estratégias auto-referenciais, é possível admitir que este funcionamento não-linear possa produzir processos enunciativos de outra ordem no ambiente da midiatização, e que repousem noutras complexidades.

Como é sabido, o trabalho da enunciação se faz em torno de intervalos, temporalidades, manobras e inevitáveis defasagens. Por que não admitir que sejam produzidos neste ambiente enunciações que possam estruturar novas ‘zonas de pregnancies’, do que simplesmente, ‘lugares vazios’? A enunciação de auto-referência é um pedido de reconhecimento e marcas que registram um certo tipo de autonomia da parte dos media, mas que não se realiza desconhecendo o outro (recepção). Pelo contrário, reconhece sua existência e dos modos por ele enunciado de como lidar com suas ofertas. Tal índice de reconhecimento, por parte de um modelo de enunciação auto-referente traz em si um ‘convite’ para que ele –o outro– venha jogar o jogo. Mas, como pouco sabemos sobre o que se passa nestas ‘zonas de pregnancies’, apostemos na capacidade dos sujeitos convidados que ao jogar o jogo, possam também se valer dos seus próprios dispositivos hermenêuticos...

Assim, ‘zonas de pregnancies’ seriam, ao mesmo tempo, ‘espaços de incompletudes’ que as estratégias auto-referenciais não conseguiriam fechar. Mas também espaços potenciais, que se traduziriam em condições de produção para o exercício de novas estratégias enunciativas.

NOTAS

¹ Dicionário Aurélio. Edição eletrônica autorizada à Positivo Informática Ltda, 2004.

² “*Este é o seu novo Diário de Santa Maria*” Santa Maria, 19/07/2007.

³ Transcreve-se um dos aspectos do contrato: “*Como usar a revista. Primeira revista 100% interativa com histórias reais de gente como você. Mais do que uma leitora, você é uma colaboradora, que escreve histórias, manda receitas, fotos flagrantas...*” Revista *Sou mais eu*, Editora Abril, São Paulo.

⁴ Ver Jornal *O Globo*, Seção *Por dentro do Globo*. Rio de Janeiro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELIN, E. (2002) *Une sociologie des espaces potentiels. Logique dispositif et expériences ordinaires*. Bruxellas: Du Boec U.
- BENVENISTE, É. (1974) *Problèmes de linguistique générale*, 2. Paris: Gallimard.
- CHARRON, J. (1998) “Los medios y las fuentes. Los límites del modelo de agenda setting”, in *Comunicación y política*. Barcelona: Gedisa.
- CULIOLI, A. (1990) *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentation*, Tomo 1. Paris: Orphys.
- FAUSTO NETO, A. (2001) Ensinando à televisão. João Pessoa: UFPB.
- ____ (2006A) “Será que ele é? Onde estamos? A midiatização de um discurso proibido” in *Ícone*, Nº 9. Recife: Contraluz.
- ____ (2006B) “Mutações nos discursos jornalísticos: Da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’” in *Edição em Jornalismo – Ensino, Teoria e Prática*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- ____ (2007A) “Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos”, Paper, Encontro Nacional da Intercom. Santos.
- ____ (2007B) “Midiatização jornalística do dinheiro: Das fotos furtadas à fita leitora. In: Revista Trama. Rosário: UNR.
- ____ (2007C) “Mutações nos processos de noticiabilidade: novas estratégias de enunciação do discurso jornalístico”, pesquisa em desenvolvimento. São Leopoldo: Unisinos, CNPq.
- FAUSTO NETO, A.; VERÓN, E. (2003) *Lula presidente – Televisão e política na campanha eleitoral de 2002*. São Paulo/São Leopoldo: Hacker/Unisinos.
- LUHMANN, N. (2005) *A realidade dos meios de comunicação*. São Paulo: Paulus.
- MATA, M.C. (2002) “De la cultura masiva a la cultura mediatica” in *Diálogos de la Comunicación*. Lima: Felafacs, S/D, 80-90.
- MCCOMBS, M.E; SHAW, D. (1972) “The agenda setting function of the mass media” in *Public Opinion Quarterly*, V. 36.
- RODRIGUES, A. (1999) “Experiência modernidade e campo dos medias”. <http://www.bocc.ubi.pt/Acessado em 05/05/2003>.
- VERÓN, E. (1997) “Esquemas para el analisis da la mediatizacion” in *Diálogos de la Comunicación*, N. 48. Lima: Felafacs.
- ____ (1998) “Semioses da la mediatizacion”, Paper, Conferência Internacional de Mídia e Percepção Social. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 1998.